

A IMAGEM DO MUNDO, A NATUREZA E AS COISAS

*Carla Dias\**

*Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ*

**RESUMO:**

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma experiência de pesquisa de campo com as crianças e jovens da comunidade quilombola Campinho da Independência. Olhar a criança como sujeito numa situação de pesquisa requer considerá-la como coparticipante do processo, reconhecendo sua voz como expressão da capacidade de compreender e construir conhecimento. Através das imagens produzidas no trabalho de campo pudemos conhecer o olhar das crianças sobre o lugar que vivem, a natureza, as pessoas, modos de vivenciar o espaço, o corpo, a natureza, a história suas tradições, sua cultura.

**PALAVRA CHAVE:** identidade, quilombo, tradição, transmissão, natureza, imagem

**ABSTRACT:**

This work aims to present an experience of field research with children and young maroon community Campinho da Independência. Look at the child as a subject in a research situation requires consider it as a co-participant in the process, recognizing his voice as an expression of the ability to understand and build knowledge. Through the images produced during the fieldwork we know the children look about the place they live, the nature people, ways to experience space, the body, the nature, the history of their traditions, their culture.

**KEYWORD:** identity, Quilombo, tradition, transmission, nature, image

\* Doutora em Artes Visuais. Professora de Arte e Antropologia na Escola de Belas Artes / UFRJ. Coordenadora do Núcleo de Arte, Antropologia e Museus. Filiada a Associação Brasileira de Antropologia – ABA.



## INTRODUÇÃO

Tem um bocado de história aqui, antigamente, [...] antes tinha um campo lá em cima, era um morro, né Ariane, que tinha que subir pra jogar bola, aí eles não deixavam as crianças jogar lá, aí eles pegaram, as crianças, vamos fazer um campo pra nós, fizeram um campo ali, aí os adultos não quis mais jogar lá, só quis jogar aqui em baixo, aí agora aqui, todo mundo fala de campinho, pegaram nosso campo.<sup>1</sup>

As pesquisas com crianças apresentam hoje um novo paradigma, onde os estudos sociais sobre a infância propõem, centralmente, a compreensão da infância como construção social e as crianças como atores sociais e protagonistas ativos de sua socialização. A criança neste contexto é sujeito, é ator social, produtora de cultura, e – levando em conta suas especificidades em relação ao adulto, - é cidadã.



Figura 1. Felipe retratado por Jeferson<sup>2</sup>

Foi a partir desta premissa que o trabalho de campo foi desenvolvido, no contexto de um projeto de pesquisa e extensão constituído por uma equipe de pesquisadores de diferentes campos disciplinares - antropologia, arte, design e educação<sup>3</sup>. Nosso objetivo era reconhecer nas práticas e saberes

1. Luiza Carla Martins, gravado em 2009.

2. Jeferson Martins Veloso, em 2009

3. Como coordenadora do projeto “O Caminho das coisas – estética e cultura em uma

locais os caminhos atuais de tradição e cultura quilombola, percebidos, vivenciados e assimilados pelas crianças e jovens de uma comunidade rural tornada quilombola<sup>4</sup>.

O termo quilombo é usado para designar a situação dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos no Brasil, fazendo referência a terras que resultaram da compra por negros libertos; da posse pacífica por ex-escravos de terras abandonadas pelos proprietários em épocas de crise econômica; da ocupação e administração das terras doadas aos santos padroeiros ou de terras entregues ou adquiridas por antigos escravos organizados em quilombos. Portanto, consistem em grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar. Deste modo, comunidades remanescentes de quilombo são grupos sociais cuja identidade étnica os distingue do restante da sociedade. Jose Mauricio Arruti<sup>5</sup> chama atenção para o caráter polissêmico que o termo. Para o autor consistem em grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar.

comunidade quilombola” desenvolvido com o apoio da FAPERJ, reuni uma equipe formada por mim, antropóloga, um pesquisador do campo do design e um educador. Fomos acompanhados de duas bolsistas de graduação e nossos filhos, quatro crianças com faixa etária de 3 a 12 anos. Ficamos hospedados na casa de Patrícia e Roque, arte-educadores e coordenadores do Ponto de Cultura, na Escola Municipal do Campinho (em colchonetes arrumados na sala de aula) e na Pousada do Campinho. As fotos compõem um conjunto de imagens produzidas nas oficinas e no dia-a-dia de convivência com as crianças do Campinho da Independência nos meses de janeiro e fevereiro de 2009.

4. A partir do Decreto nº 4.887/2003, do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi concedido a essas populações o direito à auto-atribuição como único critério para identificação das comunidades quilombolas, tendo como fundamentação a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que prevê o direito de autodeterminação dos povos indígenas e tribais. A maneira pela qual os grupos sociais definem a própria identidade é resultado de uma junção de fatores, escolhidos por eles mesmos: de uma ancestralidade comum, formas de organização política e social a elementos linguísticos e religiosos.

5. Jose Mauricio Arruti. “Quilombos”. In: Raça: Perspectivas Antropológicas. [org. Osmundo Pinho]. ABA / Ed. Unicamp / EDUFBA, 2008

No Campinho da Independência, situado na área rural de Paraty, no sul do estado do Rio de Janeiro / Brasil, a luta empreendida pelas lideranças locais, organizadas na Associação de Moradores do Quilombo Campinho da Independência (AMOQC)<sup>6</sup>, para a titulação das terras envolveu ações sociais relacionadas à educação, cultura, lazer, trabalho, renda e meio ambiente. Jovens que acompanharam seus pais na luta pela garantia de posse da terra, tem se preocupado com a implantação de um projeto educativo relacionado ao resgate de suas práticas culturais tradicionais. Os professores da escola formal, que recebem as crianças, muitas vezes despreparados para perceber a diferença, trabalham com uma perspectiva que as posiciona como seres sem história, despossuídos de expectativas, desejos e capacidades. Vistas como alguém que precisa ser disciplinado, tornado gente, adulto, mas nunca cidadão responsável, ator de direitos e deveres e principalmente, sujeitos do processo de criação identitária.



Figure 2 – Foto de Gabriel<sup>7</sup>

6. A Associação de Moradores do Campinho da Independência (Amoqc) foi fundada em 1994 com objetivo de organizar a luta pela titulação coletiva de suas terras. Em março de 1999 a área da comunidade é finalmente titulada coroando mais de 30 anos de luta pelo direito à sua terra. A associação também tem participado da organização das Comunidades Remanescentes de Quilombos do estado com a presidência da Associação das Comunidades de Quilombos do Estado do Rio de Janeiro (ACQUILERJ), criada em 2003 e presidida por Ronaldo dos Santos, também nascido no Campinho.

7. Adriano Mateus Porto, 2009

Algumas tentativas foram empreendidas por educadores locais e por colaboradores institucionais no sentido de construir uma ação educativa que incluía a história da comunidade e valorizava a identidade afrodescendente. Um grande esforço foi realizado na criação do projeto que tornou a comunidade um ‘Ponto de Cultura’, financiado pelo Programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura. Desde então, o grupo está empenhado em construir sua identidade remetida a um passado, a uma genealogia africana. Assim, as atividades propostas, principalmente com as crianças, são de “resgate” e de formação cultural, como inculcação um passado não vivido, mas herdado. Oficinas de Capoeira Angola, de percussão e confecção de instrumentos, de cerâmica e cestaria e, principalmente, um grupo de Jongo são algumas das formas de construção de uma comunidade que quer se afirmar quilombola, negra, herdeira de uma tradição africana. A Associação promoveu a visibilidade da causa quilombola, intensificando o aparecimento de oportunidades para a comunidade, principalmente as novas gerações.

#### A CONVIVÊNCIA - O OLHAR COMPARTILHADO



Figura 3 - Felipe, Jeferson e Neném. Foto de Constância<sup>8</sup>

8. Constância Elias Amâncio, 2009.

A partir de encontros negociados, decidimos concentrar o trabalho em oficinas no período de férias escolares, no momento em que elas estariam sem atividades formais. Sem um planejamento fechado, sem uma convocação formal, nos dispusemos a estar ali, interagindo com aqueles que “tivessem sido avisados”. No primeiro dia muitos vieram, curiosos! Surgiam diante de nossos olhos sem que pudessemos acompanhar sua trajetória. chegavam as crianças... muitas. Todos os tamanhos e idades, alguns no colo de seus irmãos, outros junto aos seus primos, irmãos, tios, amigos. Chegavam se apresentando, falando seus nomes, conversando uma com a outra e conversando com a câmera, ou com quem estava por detrás dela<sup>9</sup>. Chegavam tão próximo da câmera e dirigiam seu olhar a lente. Decidimos trabalhar com o ritmo delas, permitindo o ir e vir contínuo de grande parte do grupo. Cada dia uma nova configuração. Ao grupo sempre presente de aproximadamente 12 crianças, se juntavam outras que permaneciam ou so passavam por algum tempo. Assim começamos a aprender sobre o tempo, o movimento e as possibilidades de conviver com o fluxo e os fluidos. Descobrir os caminhos e segui-los foi um dos movimentos que fizemos em suas direções. Quando nos dispomos a acompanhá-los ao rio e mergulhar junto, aprender a se lançar das pedras, se equilibrar nos galhos e escorregar na terra, começamos a construir um caminho de interação e reciprocidade de saberes.

9. Resultaram do nosso tempo de permanência na comunidade uma vasta quantidade de desenhos, pinturas, desenhos animados feitos a partir dos registros de vídeo, fotografias feitas pelas crianças, pelo grupo de pesquisadores, além de registros de depoimentos gravados em vídeo. As fotos aqui apresentadas foram produzidas, na quase totalidade, a partir da terceira semana quando fizemos uma Oficina de registro fotográfico. Distribuímos 6 câmeras entre o grupo, inclusive para que levassem para casa a noite. A cada final do dia víamos juntos as fotos (e vídeos) e todos comentavam. No final do projeto produzimos um livro com imagens selecionadas em conjunto para ser distribuído na comunidade, como um álbum de fotografias.

O meu nome é Naiara, eu tenho nove anos, o meu pai não mora com nós, comigo. Ele tá morando em São Paulo com a minha mãe Claudia e eu to morando com a minha avó.<sup>10</sup>

Meu nome é Estevorim, tenho onze anos, moro no Campinho e o nome da minha mãe é Nilsa.<sup>11</sup>

Moro no Campinho, eu tenho oito anos, não sei o que lá, o Estevorim é meu amigo, né Estevorim? Vem apresentar Estevorim! Eu moro do outro lado da pista, meu nome é Venilson, tenho oito anos e o nome da minha mãe é Laura, e o nome da minha irmã é Simone, Binha, Sílvia, Nega... E tem meu pai Domingos.<sup>12</sup>

Eu moro aqui no Campinho, eu moro com a minha mãe e com o meu pai. Eu moro com os meus irmãos todos! Tenho tantos irmãos... Eu moro com Lenilson, meu irmão, Venilson, Denilson, Iara, Miro, Lenilton. Tem mais... Ivone.<sup>13</sup>

Eu moro perto da escola e me chamo Bruna. Moro com a minha avó, com a minha mãe... com os meus tios... Simone, mas só que ela mora lá em Taubaté. Sílvia, que é minha mãe, a Siney, Silvio, Sidney, Aninha e Sirley.<sup>14</sup>

O equipamento de filmagem e fotografia foi mostrado desde o início o que contribuindo para os “apresentações”. Todas as atividades foram gravadas e fotografadas e sempre disponibilizávamos uma câmera para as crianças também registrassem o que quisessem. Podemos perguntar até que ponto podemos confiar em tais imagens e nos apropriarmos delas como fonte de pesquisa, registro, memória ou arte, sabendo que elas são construções sociais “em aberto”, um exercício de olhar, sem

10. Naiara Santos da Silva, 2009.

11. Estevorim de Souza Paixão, 2009.

12. Venilson do Nascimento Martins, 2009

13. Liria matilde do Nascimento Martins, 2009

14. Bruna Iara Barreiro Martins, 2009.

qualquer pretensão técnica, além de nenhum planejamento. Envolvem uma série de agentes (o olhar do fotógrafo, a postura do fotografado, a interpretação de quem posteriormente visualizará a imagem). A imagem para além dos álbuns, molduras, porta-retratos ou caixas de sapato, colecionada e guardada, se constrói na imaginação do fotógrafo, dos retratados, dos receptores e todo um contexto em que as fotos foram produzidas.

A imagem, como a escrita e a oralidade, deve ser considerada sob a dimensão da expressão, um meio de observar e criar, mediando percepções visuais, o próprio ato de conhecer. O primeiro experimento com a câmera foi o de espelho. Fotografavam a si mesmas e os amigos. Posicionavam a câmera muito próxima de seus rostos, fotografavam partes do corpo, como tentando apreender um novo ângulo de si mesma, um outro olhar, um outro espelhamento.



Figura 4 – Auto-retrato<sup>15</sup>

## A HISTORIA

As histórias começaram a surgir e o microfone sinalizava o “dono da história”. Contavam histórias do cotidiano e histórias que lhes eram contadas. Não demonstravam estranhamento com o equipamento.

15. Gabriel Alves Martins, 2009.

O dono dessa fazenda, doou essa fazenda para umas três mulheres negras [...] que é a Antonica, a Luiza e a Marcelina, ele deu essas terras pra elas, aí elas falaram assim: ‘Ah, então agente tem que sair e procurar os maridos e ter nossas filhas’. Aí elas saíram, encontraram os parceiros delas e foram, fizeram os filhos delas..., aí começou, vinham as pessoas[...] das outras fazendas que eram escravos, foi vindo, foi povoando aqui também, aí foi vindo e se formou um quilombo aqui, aí como tem aquela história do campinho, aí foi Quilombo Campinho da Independência, porque aqui era fazenda da Independência. Aí aqui formou tudo junto Quilombo campinho da Independência.<sup>16</sup>

A memória contada é recriada. As crianças da Comunidade têm sua sociabilidade marcada por uma nova dimensão identitária. São quilombolas, aprendem o significado deste enunciado através das histórias que lhes são contadas ao mesmo tempo em que constroem cotidianamente sua história.

Eles criavam tudo, criavam galinha, criavam porco, plantavam milho, [...] aí eles, com esse lucro que eles tinham, eles pegaram e foram vender lá em Paraty, só que antigamente não tinha a BR, eles tinham que pegar e ir pelo meio do mato, numa trilha aqui, aí demorava, demorava, [...] aí chegava lá, vendia os produtos, aí voltava aí, antigamente como era difícil o acesso, as vezes os vizinhos falava, ah compra esse negócio pra mim, compra outro negócio, aí sempre era difícil pra poder ir e voltar pra Paraty, porque não tinha um ônibus e com a BR, também, quando começou a BR a areia assoreou todo o rio, o rio era muito fundo, era muito mais fundo do que é aquilo que está hoje [...] que no rio eles pescavam, tiravam peixe, tudo do rio, que aqui tinha um peixe que é o cascudo, o peixe que dava mais, eles pegavam as vezes vendia, as vezes comia, entendeu!<sup>17</sup>

Algumas narrativas demonstravam o temor relacionado a práticas religiosas. A expansão das igrejas pentecostais tem contribuído para a construção de algumas fronteiras internas<sup>18</sup>. As crianças deixavam escapar as restrições e as proibições infringidas pelo pastor a elas e/ou

16. Ariane Rosa Martins, 2009.

17. Bruna Iara Barreiro Martins, 2009.

18. No campinho três igrejas dividem o espaço da fé. A igreja Católica, e as pentecostais Assembleia de Deus e Batista.

a seus pais. Algumas palavras eram impronunciáveis e algumas vezes o falante era repreendido por tê-la pronunciado. A prática do Jongo compõe o repertório proibitivo. Muitas crianças tiveram que largar os encontros / aulas de Jongo, proibidas de dançar e cantar os pontos de jongo. Algumas meninas, durante o tempo que estivemos presentes, ignoraram esta proibição e vestiram a saia, como se nossa presença servisse de alibi para a “infração”. Não se privaram de cantar os pontos para que gravássemos, e o fizeram como expressão de sua vontade. As práticas religiosas de tradição afrodescendente são pouco aceitas, portanto seus devotos são discriminados.

Certa vez também, a gente estava na cachoeira, lá pra cima... Aí a gente viu assim, um prato assim, com um monte de vela, não Luiza? Lá na cachoeira lá de cima... A gente viu um prato... Cheio de negócio, de vela, essas coisas assim, de macumba mesmo.<sup>19</sup>



Figura 5 – foto de Constança<sup>20</sup>

### O LUGAR, A CASA E A RUA

As Igrejas, lugar de reunião, sociabilidade e convivência; a sede da Associação de Moradores que segundo Vinicius<sup>21</sup> “é um lugar que todo mundo vai lá pra trabalhar”; a Casa de Artesanato “é um lugar de cultura”, o Restaurante, o Viveiro, lugares significativos, marcos institucionais da comunidade na invocação da identidade proclamada, as crianças fotografaram a paisagem, a natureza, conhecida e ordenada socialmente foi intensamente representada. Árvores, mata, flores, jardins, animais, plantações de mandioca e abacaxi, o rio que se nada, que se atravessa e que se pesca.



Figura 6 –Foto de Adriano<sup>22</sup>

19. Ariane Rosa Martins, 2009.

20. Constança Elias Amancio, 2009.

21. Vinicius Rosa Martins, 2009.

22. Adriano Mateus Porto, 2009.

Também construções foram documentadas pelas crianças. Quase todos fotografaram os lugares partilhados e coletivos: igrejas, escola, casa de artesanato, casa da Associação de Moradores, quadra, restaurante. Fotografavam principalmente a si mesmas e os amigos. Posicionavam a câmara muito próxima de seus rostos, se auto fotografavam em partes, como tentando apreender um novo ângulo de si mesma, um outro olhar, um outro espelhamento. As fotos foram fundamentais para que pudéssemos ver o que nossos olhos não alcançaram, nos dias que lá estivemos.

A minha casa é do outro lado da pista. Tem uma rampa... Tem uma, uma... um pé de árvore, aí tem um caminho e aí chega na minha casa. Eu moro do outro lado da rua... Aí você desce a rampa, aí você vê um pé de Ingá, de ingá... Aí é só você vê o caminho, você entra lá. Aí depois tem uma casa que é muita velha.

Pra você chegar na minha casa, pergunta aonde que mora a avó Albertina, vão saber te explicar. Eu moro do lado da casa dela, fica lá em cima... tem um morro... o pessoal daqui, a gente fala que aqui, é aqui embaixo, e lá é lá em cima.<sup>23</sup>

As casas são descritas pelas características de proteção e conforto, uma casa nova tem água encanada, uma casa velha tem goteira.

A casa é velha... Quando chove a casa enche d'água, fica pingando... A casa fica toda molhada, até a cama... Quando a gente dorme, a gente tem que dormir pra cima pra... não pode dormir pra baixo porque molha a cama tudo. Ontem choveu... Ontem choveu e molhou lá a cama. E hoje se chover, a gente tem que tentar dormir, que quando é assim, a gente não consegue dormir lá. E os meninos ficam de bagunça, as vezes, na cama. Eu durmo junto com a Magali e a Iara. Quando chove, a gente tem que dormir tudo junto.... Por causa da chuva.<sup>24</sup>

23. Messias Junior do Nascimento, 2009

24. Naiara Santos da Silva, 2009



Figura 7 – Foto de Peterson e Bruna<sup>25</sup>

Os objetos, as coisas representadas falam de uma trajetória onde elas habitam, existem coisas. Panelas no fogão; pacotes de biscoito e leite; panos; utensílios diversos água filtrada; água encanada; água acumulada; luz e a televisão onde se alcança um mundo. A beleza, a dimensão estética esta colocada no sentido das coisas, que por sua vez, agenciam a dimensão simbólica da trajetória, do devir.



Figura 8 – coisas. Fotos de Peterson<sup>26</sup>

25. Peterson Tainá Porto e Bruna Iara barreiro Martins, 2009.

26. Peterson Tainá Porto

Eu moro aqui no Campinho, eu moro com a minha mãe e com o meu pai. Eu moro com os meus irmãos, todos! Ai, tenho tantos irmãos... Eu moro com Lenilson, meu irmão, Venilson, Denilson, Iara, Miro, Lenilton. Tem mais... Ivone... Tem mais irmão. Eu nasci Na Independência.<sup>27</sup>

Meu pai que construiu minha casa. Era uma casa só de um cômodo, aí meu pai foi aumentando ela. Tem uma cozinha, um banheiro, uma sala, que é a parte que a gente janta, que tem a mesa, e três quartos. Ele ta comprando madeira, já chamou o cara, vai fazer a casa de assoalho e vai aumentar pra cima, vai botar assoalho de madeira em cima, no meu quarto e do meu irmão. Tenho quatro irmãos, eu sou o do meio.<sup>28</sup>

### O SABER E O BRINCAR

O rio que corta o Quilombo também tem um papel muito importante para as crianças, que costumam brincar de pique-pega, pular do alto das pedras e, até a segunda semana de pesquisa, saltavam, com habilidade e sem demonstrar medo, de uma árvore que acabou caindo. Nem todos mergulham, por que alguns “são muito pequenos ainda” e, pelo que me contaram, só aproveitam o rio durante as férias ou quando “fogem” após a aula, tomando uma bronca dos pais depois. as crianças brincam com os elementos naturais que o lugar dispõe. Uma brincadeira muito presente era a de subir nas árvores para pegar frutas (a jaca, a graviola e as goiabas, principalmente). O brinquedo dura o tempo da brincadeira, a brincadeira faz o brinquedo existir. Montar, e desmontar, construir e desconstruir, são a mesma coisa, fazem parte do mesmo sistema do brincar e experimentar o mundo com o corpo. A árvore caída da margem ao rio, possibilitou um jogo onde a coragem, a destreza, a habilidade, o equilíbrio, o domínio do corpo era testado. Mas esse brinquedo também teve o seu tempo de ser brincado, como o próprio rio, que no verão período de férias e calor se

tornava o lugar de brincar das crianças. E nessa invenção e reinvenção do brincar o brinquedo era o próprio corpo, livre no espaço, sendo sempre desafiado na interação com o lugar.



Figura 9 – Fotos de João<sup>29</sup>

Eu pescar. Pescar desde os quatro anos. [...] Tainha, tilápia, bagre, cará... tudo. Um dia, peguei um peixe deste tamanho assim, ó. Quase minha linha arrebentou que era uma traíra. Antigamente eu ia com o meu pai pescar, porque o rio era muito fundo, aí meu pai tinha medo de eu cair no rio e morrer. Aí eu ia com ele pra pescar. Eu pescava lá, pro lado da outra banda... Aí tem um caminhozinho assim, aí vai indo, tem o rio... Que antigamente tinha uma ponte, mas só que agora, não tem mais. Eles faziam a ponte, só que a correnteza levava. Mas a gora não tem mais ponte não. A gente tem que atravessar o rio com a água mais ou menos aqui na canela. Aí a gente vai, atravessa e do outro lado, tem um rio e a gente começa a pescar.<sup>30</sup>

Walter Benjamin diz que “as crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se processa de maneira visível.” E mostra que elas “estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes

27. Líria Matilde do Nascimento Martins

28. Tales Rosa Martins

29. João Elias Amâncio, 2009.

30. Tales Rosa Martins, 2009.



materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma relação nova e incoerente. Com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande.”



Figura 10 – Foto Carla Dias

## FINALIZANDO

Com particular interesse na maneira como as crianças reproduzem o discurso elaborado pelos novos agentes comunitários e reconhecem o lugar em que vivem como lugar que fornece significado, também, a infância que desfrutam. A construção de um patrimônio cultural nos termos da própria identidade, cuja manutenção deverá levar em conta o seu caráter dinâmico, os novos significados atribuídos por aqueles que são os seus produtores, assim como as possíveis apropriações e ressignificações por parte, sobretudo junto às novas gerações.

Convivemos com este grupo de crianças, nas oficinas, nos banhos de rio, em visitas as suas famílias, na roda de jongo, na coleta de frutas, nos passeios. Desenhamos na beira do rio, em roda, nas salas de aula da escola; gravamos conversas e histórias. Pudemos vê-los brincar, se movimentar, se manifestar verbalmente e corporalmente, compartilhando o lugar social da criança e não exatamente sua participação e integração no mundo dos adultos. Focalizar a infância como um tempo singular, seu olhar sobre o lugar que

vive, seus modos de projetar o corpo, suas formas de brincar, seus espaços de brincadeira, sua relação com a história e a memória, com características próprias, e compreender essas práticas em sua dimensão de socialização e de aprendizagem, através das quais as crianças participam ativa e livremente do universo social da comunidade. Através das crianças ouvimos os adultos, suas avós, mãe, tias e tios. Elas nos guiavam e nos apresentavam. Levavam-nos pelos caminhos do Campinho. Ficavam ao lado ouvindo a conversa e conversando junto. Ouviram relatos de um modo diverso, histórias conhecidas foram enquadradas a partir de um ângulo novo. Um ângulo de escuta orientado pelo ângulo da câmera. Prestavam atenção na lente, no foco da conversa. A câmera não era estranha, fazendo parte de todas as nossas atividades.

Aí, a minha avó Magdalena, aí ela pegou fez o parto da minha avó. Aí, sempre quando... A minha avó nunca deixou neném nascer passando mal, antes da hora... Ela sempre... é... o neném nasceu na hora. Agora, agora nessa época, nenhum neném nasce na hora. Passa a hora... os nenéns vêm doentes...<sup>31</sup>

Na quinta geração de descendentes das escravas, os moradores do Campinho, conquistam o direito coletivo de seu território<sup>32</sup>. A comunidade Quilombola Campinho da Independência comemorou no ano de 2009, dez anos da titulação coletiva de seu território. Uma nova geração esta crescendo, herdeira de um patrimônio conquistado pelas gerações anteriores. Quilombolas - uma identidade auto proclamada, um modo de ser, de construir e de vivenciar o espaço, o corpo, a natureza, a história suas tradições, sua cultura, onde moderno e o tradicional coexistem, operando dimensões do presente. O passado e construído a cada dia e a memória, em sua fabricação coletiva, traz sentido as representações projetadas para o futuro. O mundo

31. Luiza Carla A. S. Martins, 2009.

32. Baseada no artigo 68 das disposições transitórias da constituição de 1988.

rural onde a natureza habita e da sentido a existência é manifestado, expressado, atualizados nos gestos e movimentos, no brincar e no trabalho.



Figura 11 –Foto de Ariane de Bruna e seu retrato<sup>33</sup>

Entre o real e a imagem existem infinitas imagens que não estão lá, gravadas, sendo invisíveis operantes, que se constituem em ordem visual, em prescrições icônicas, em esquemas estéticos. A imagem em si não da conta de informar todas as chaves de compreensão, e a complexidade dos fenômenos. Para ler a imagem é preciso conhecer o texto e o contexto. As imagens são sempre feitas para serem vistas pelo outro. No caso aqui descrito, as imagens eram produzidas a priori, para o próprio olhar. Uma forma de se ver e também, de ver o mundo. Enquadrar para se separar daquilo e poder examiná-lo a uma certa distancia. Depois na oficina, eles começaram a experimentar diferentes níveis do discurso imagético: a foto como narrativa; a foto como mensagem; a foto como experiência; a foto como atividade do olhar.

33. Ariane Rosa Martins, 2009.



Figura 12 – Ana Clara e sua foto<sup>34</sup>

Considerando então o pressuposto de que as sociedades possuem diferentes regimes de visualidade, diferentes fruições na forma de lidar com as imagens e a arte, podemos notar que nossa sociedade ocidental é fundada numa forte relação com a imagem. E quando falamos em imagens não pretendemos tratar aqui apenas daquelas situadas na esfera material da exploração com os olhos, mas também do olhar, da imaginação, como uma objetiva que se abre inteiramente para alcançar memórias, histórias, ações humanas. Não é imagem apenas aquilo que vemos, mas também o que podemos criar a partir do que é falado, escrito. Cabe a nós tentar refazer todo esse trajeto das fotografias, composto pelos indivíduos, seu ambiente e sua rede de relações, para que possamos compreender o papel dessas imagens na vida de grupos sociais contemporâneos e seus desdobramentos.

As fotos nos levaram a cantos desconhecidos, lugares que não havíamos alcançado e não tinham sido ainda mencionados. Alguns vídeos foram produzidos, por engano, e narravam esta vontade de nos mostrar o lugar que habitam na sua totalidade. Olhar as coisas, olhar a natureza, olhar os outros,

34. Ana Clara do Nascimento, 2009.

construir o mundo ao olhar, ao contemplar instantes que se prolongam em sequências intermináveis mas plena de pausas e sentidos, maneiras de contar o mundo e enquadrar sentidos. Um olhar das crianças sobre o lugar em que vivem: A natureza, as pessoas, sua relação com a memória e a história.

**REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS:**

- Arruti, José Mauricio. Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola. Bauru: Edusp, 2006.
- Arruti, Jose Mauricio. “Quilombos”. In: Raça: Perspectivas Antropológicas. [org. Osmundo Pinho]. ABA / Ed. Unicamp / EDUFBA, 2008
- Becker, Howard S. “arte como ação coletiva” in: uma teoria da ação coletiva. Rio de janeiro: Zahar, 1976.
- Benjamin, W. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Duas Cidades; Ed 34, 2002.
- Dias, Carla & Côrtes, André. Org. Um olhar das crianças – Quilombo Campinho da Independência. Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes, 2009.
- Ingold, Tim. “Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem” In: Steil, Carlos & Carvalho, Isabel de Moura (org.). Cultura, percepção e ambiente. São Paulo, Ed. Terceiro Nome, 2012.
- Kim, Joon Ho. “a fotografia como projeto de memória”. In: cadernos de antropologia e imagem. Rio de janeiro, n. 17(2), p.227-247, 2003.
- Leite, Mirian Lifchitz Moreira. Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente. In: Etienne Samain. (org.). O fotográfico. 2a ed. São Paulo: Hucitec; Cnpq, v. 1, p. 33-38. 1998.
- Ricoeur, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução de Alain François. Campinas, São Paulo: ed. da Unicamp, 2007.
- Bachelard, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: abril cultural, 1984.
- Rouillé, André. A fotografia: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: editora Senac, 2009.